

Oswaldo Cruz, o médico que conseguiu derrotar o *Aedes*

No início do século 20, o cientista teve sucesso na missão de erradicar do Rio a febre amarela, doença mortal transmitida pelo mosquito. Seus agentes entraram em casas, mesmo à força, para combater o inseto e isolar os doentes, despertando a raiva da sociedade carioca

Ricardo Westin

NO COMEÇO DO século passado, o Brasil assistia a uma caçada inédita e implacável ao *Aedes aegypti*. Na época, a doença que o mosquito espalhava era a devastadora febre amarela. A dengue ainda era um mal distante e exótico, e os médicos nem sequer sonhavam com a zika e a chicungunha.

A operação de guerra foi montada em 1903 pelo governo de Rodrigues Alves, o quinto presidente da República. Além de inédita e implacável, foi rápida e exitosa. Em um ano, os números se reduziram drasticamente. Pouco depois, já não havia sinal de febre amarela no Rio. O *Aedes* finalmente deixava de causar terror na capital do Brasil.

O artífice da estratégia sanitária foi o médico e cientista Oswaldo Cruz, chefe da Diretoria-Geral de Saúde Pública (embrião do que seria o Ministério da Saúde). Ele arregimentou uma brigada de agentes que percorriam a cidade em charretes puxadas por mulas, fazendo uma varredura nas ruas e nas casas atrás dos mosquitos e de suas larvas.

Os mata-mosquitos, como eram apelidados, lavavam os bueiros, diluíam querosene nos pântanos, enchiam de areia os cacos de garrafa cimentados sobre os muros para afastar os ladrões e entornavam os tonéis

de água guardados nos quintais, para desespero das famílias que não tinham água encanada.

Quando flagravam os permilhões rajados em alguma casa, eles envolviam a residência inteira com um gigantesco mosquito, para que nenhum escapulisse, e lá dentro borrifavam uma fumaça mortal para o *Aedes*. Toda a vizinhança, num raio de cem metros, se submetia ao mesmo “expurgo”.

Intimidade do lar

Oswaldo Cruz logo se transformou na figura mais odiada da capital. Os cariocas ficaram enfurecidos porque o governo estava violando “a intimidade do lar”. Contando com poderes de polícia, os agentes de saúde entravam nas casas mesmo sem a autorização dos donos.

Para os pobres, as ações sanitárias ainda eram mais assustadoras. Quando as tropas de Oswaldo Cruz consideravam uma moradia insalubre, ela era sumariamente demolida e os moradores, que viviam de aluguel, tinham que se virar.

Assim como ocorre com a dengue, a zika e a chicungunha, a febre amarela não é transmitida diretamente de pessoa para pessoa. O *Aedes* age como vetor, carregando o vírus de uma pessoa doente para uma sadia.

Para barrar a transmissão, os mata-mosquitos também

providenciavam o isolamento dos “amareletos”, que eram ou mantidos sozinhos dentro de um quarto de casa, com a porta e a janela bloqueadas com mosquiteiros, ou mandados para uma quarentena no Hospital de São Sebastião, no bairro do Caju. Só ganhavam a liberdade quando já estavam plenamente curados.

Os isolamentos compulsórios também contribuíram para a péssima fama de Oswaldo Cruz entre os cariocas.

Nem mesmo os médicos e os cientistas apoiavam a estratégia de Oswaldo Cruz. A obsessão pelos mosquitos, na opinião deles, era um completo equívoco.

O meio médico-científico brasileiro ainda acreditava na ideia de que a origem das doenças era a insalubridade do ambiente. Segundo essa teoria, os vapores pútridos emanados da matéria orgânica em decomposição no solo e no subsolo tinham o poder de deixar as pessoas doentes. O nome “malária”, que significa “mau ar” em italiano, tem origem nesse equívoco.

Em 1899, o médico cubano Carlos Finlay conduziu experimentos científicos que concluíram que era o mosquito que espalhava o vírus da febre amarela. Uma das primeiras medidas de Oswaldo Cruz ao assumir a Diretoria-Geral de Saúde Pública foi viajar a Cuba para conhecer os estudos de Finlay e a estratégia que livrou Havana da doença.

Ocorre que as autoridades mundiais da ciência olharam com desconfiança a descoberta feita em Cuba, mantendo-se aferradas à crença medieval dos vapores contaminantes.

Tribuna do Senado

A oposição a Oswaldo Cruz ganhava eco no Congresso Nacional e na imprensa, que consideravam um desperdício de dinheiro investir na caçada ao mosquito e não na desinfecção de terrenos baldios e ruas de terra.

Em 1903, da tribuna do Palácio Conde dos Arcos, a sede do Senado, o senador Bernardo Sobrinho (AL) atacou:

— De que serve vermos todos os dias pelas ruas desta capital turmas e turmas de empregados da higiene varrendo telhados, destelhando casas, matando mosquitos, procurando culicídeos [mosquitos] por toda parte? Esse serviço melhora, porventura, o estado de salubridade do Rio de Janeiro? As febres não continuam a reinar e até com maior intensidade por toda parte?

Em seus discursos, o senador Barata Ribeiro (DF), que era médico, militava ostensivamente contra as novas medidas sani-



Charge publicada pela Revista Ilustrada retrata o carnaval carioca de 1876: centenas de vidas ceifadas pela febre amarela

tárias e avisou que barraria os mata-mosquitos em sua casa:

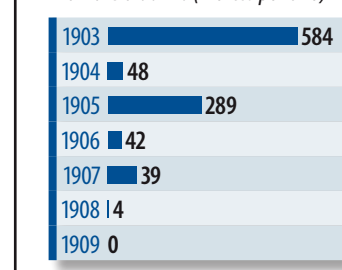
— Selam-se todas as caixas d'água nas casas particulares, mas a minha faz exceção. Jamais consentirei que o pedantismo ignorante invada os limites da minha ação de chefe de família.

Barata Ribeiro, que acreditava no poder das “atmosfera pestilentas”, citou uma experiência pessoal:

— Há dois dias, tinha eu de operar um doente e dirigia-me para o meu escritório pela manhã a fim de tomar meus instrumentos cirúrgicos. Quando abri a porta, senti-me de tal modo atordoado que, para não cair, sustentei-me aos batentes da porta, tal foi a coluna de gases fétidos que vinham de dentro da sala em que trabalho. Tive vertigem e meu coração ficou profundamente ofendido nas suas funções, pela ação dos tóxicos que havia absorvido. Já me tinha sido difícil atravessar o estreito trecho da Rua Nova do Ouvidor ao meu escritório tal era o mau cheiro que exalavam os bueiros e os canos abertos na rua.

Ação de guerra

Oswaldo Cruz eliminou a febre amarela do Rio (mortes por ano)



Fonte: Rodrigues Alves; apogeu e declínio do presidencialismo, de Afonso Azevedo

Os jornais faziam piada com o sobrenome do diretor-geral de Saúde Pública, dizendo que ele era uma pesada “cruz” que tanto o presidente quanto os cariocas tinham de carregar. As revistas pegavam pesado nas charges, ridicularizando até mesmo o bigode e a cabeleira do cientista.

Sabotagem

Para sabotar o diretor-geral de Saúde Pública, os jornais cariocas chegaram a publicar a falsa notícia de que a febre amarela havia brotado de novo em Havana. O próprio Carlos Finlay redigiu um comunicado

coincidência: sempre que chegavam os meses calorentos do verão carioca, os casos de febre amarela disparavam na mesma proporção dos fedores.

Na virada do século, o Rio não tinha nada de cidade maravilhosa. Pelo contrário, era imunda, carente de saneamento básico, repleta de pântanos e infestada de mosquitos, ratos e sapos. O centro era um labirinto de ruínas apertadas e cortiços abafados. Estava mais para uma caótica cidade colonial do que para a capital de uma jovem República.

Em 1896, causou escândalo internacional o caso do cruzador Lombardia, da Marinha da Itália. Mal o navio de guerra aportou no Rio, um surto de febre amarela se espalhou entre os oficiais. Dos 340 italianos a bordo, apenas 100 conseguiram sobreviver. Até o comandante morreu.

Cidade da morte

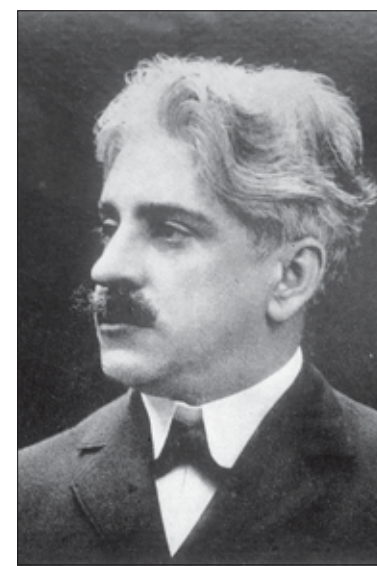
Pelo mundo afora, com razão, a capital do Brasil era conhecida como cidade da morte. A Baía de Guanabara era evitada a todo custo pelos navios estrangeiros. Os transatlânticos mais procurados para o trajeto entre a Europa e Buenos Aires eram justamente os que não faziam escala no Rio.

A febre amarela afligia anualmente a capital desde a época do Império. Não por outra razão, durante o verão, toda a corte se mudava para Petrópolis, que ficava livre da doença graças ao clima fresco da serra. O próprio dom Pedro II chegou a manifestar preocupação com as epidemias.

— Algumas cidades do nosso litoral, especialmente as da Bahia, de Pernambuco e do Rio de Janeiro, têm sido assoladas nestes últimos meses de uma febre epidêmica — disse o imperador em 1850, num discurso no Senado. — Os estragos da enfermidade afligem profundamente meu coração. Espero que a divina misericórdia de Deus, ouvindo nossas preces, arrede para sempre do Brasil semelhante flagelo. Tenho empregado todos os meios ao meu alcance para acudir os enfermos.

Por causa da reputação de cidade doente, o Rio afluía investidores e trabalhadores estrangeiros. Isso precisava mudar. O paulista Rodrigues Alves assumiu a Presidência da República em novembro de 1902 com a ambição de transformar a capital num espelho de Paris, ou seja, numa cidade moderna e agradável. Ele decidiu dividir o ataque em duas frentes.

Na frente urbanística, o presidente nomeou para o Rio um prefeito que reformaria o porto, canalizaria córregos, botaria os



Acima, Oswaldo Cruz, que assumiu a Diretoria de Saúde Pública aos 30 anos. Ao lado, charge do semanário Tagarela que ridiculariza o médico e sua campanha contra o mosquito

cortiços abaixo, ergueria prédios públicos suntuosos e redesenharia o centro com bulevares e praças. O escolhido foi o engenheiro Francisco Pereira Passos.

A mando do prefeito, foram abertas as Avenidas Beira-Mar e Central (atual Rio Branco) e erguidos o Teatro Municipal e o Palácio Monroe (que em 1925 se tornaria a sede do Senado).

Na frente sanitária, Rodrigues Alves escolheu o jovem Oswaldo Cruz para varrer a febre amarela da capital. O médico tinha apenas 30 anos, mas já acumulava uma vasta experiência na área da microbiologia. Ele havia se especializado no Instituto Pasteur, em Paris, criado o primeiro laboratório de análises clínicas do Brasil, ajudado a combater a peste bubônica no porto de Santos e dirigido o Instituto Sorotérico Federal, que mais tarde se transformaria na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

Oswaldo Cruz fez apenas duas exigências para aceitar a missão:



contar com verbas suficientes e ter total liberdade para atuar como quisesse, sem interferências. Rodrigues Alves topou. Logo em seguida, o Senado e a Câmara dos Deputados aprovaram um projeto de lei do governo que destinava às ações sanitárias a soma de 5 mil contos de réis.

Drama familiar

A motivação do presidente não era exclusivamente o prejuízo que a insalubridade trazia para o Rio. A febre amarela também representava um drama íntimo. Anos antes, ele havia perdido uma filha pequena por causa da doença.

— Oswaldo Cruz atuou com bastante determinação — diz Ana Luce Girão, historiadora da Casa de Oswaldo Cruz, ligada à Fiocruz. — Ele tinha tanta segurança no que estava fazendo que nem sequer cogitava ceder às pressões, que vinham de todos os lados.

O sucesso foi inquestionável.

A febre amarela nos jornais

Em 1903, antes da entrada de Oswaldo Cruz em ação, o Correo da Manhã noticia mais uma morte por febre amarela

Victimada pela febre amarela, faleceu hontem a menina Emilia das Dores Brazuna, filha do sr. José Gonçalves Brazuna. Era natural do Estado do Rio e contava 14 annos de idade, tendo fallecido á rua Senador Alencar n.º 42 A, de onde sahio o feretro para o cemiterio do S. Francisco Xavier.

A esposa do sr. Vianna da Silva, que se achia adoentada e bastante fraca, attendeu promptamente aos incommodos visitantes, declarando-lhes que não podia abrir a porta por não se achar presente o seu marido,

Foi o bastante para que alguns dos mosquiteiros ambulantes pudessem com forte algazarra, aos gritos de: — Abre, abre, si não arrombamos; temos o direito de entrar á força...

O Correo da Manhã, em 1904, chama de “violência inqualificável” a entrada dos mata-mosquitos nas casas

Parece mentira, mas é verdade: estamos em fevereiro, as cigarras estouram, o sol incendeia a cidade. — e não ha febre amarella!

Deante dessa phenomenal ausencia da grande Assassina, é razoavel admittir a effacia das medidas postas em pratica pelo governo para acautelar a saude publica.

A Notícia informa que no verão de 1904 a redução dos casos de febre amarela no Rio já é perceptível



Em cima, mata-mosquitos da Diretoria de Saúde Pública se preparam o trabalho. Embaixo, agentes lacram casa com mosquiteiro antes de borrifar inseticida no interior